

Referências musicais dos alunos da educação básica no pré-pandemia¹

Rogério Pelizzari de ANDRADE²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O artigo recupera dados da tese de doutorado defendida exatamente um ano antes do início da pandemia de coronavírus e que discutiu a opinião de professores da educação básica acerca das referências musicais dos alunos. Serão apresentadas informações sobre hábitos, comportamentos e preferências levantados junto a quase 1,5 mil estudantes de cinco escolas da educação básica localizadas na cidade de São Paulo. O levantamento revela que a maioria dos participantes ouvia seus artistas e canções favoritos diariamente, além de se relacionarem, influenciarem uns aos outros e dialogarem por intermédio de tais elementos da cultura. A retomada dos resultados da pesquisa tem o propósito de colaborar com os desafios que se apresentam à educação formal por conta das limitações impostas pela Covid-19, especialmente o distanciamento social.

PALAVRAS-CHAVE: referências musicais; alunos; *smartphone*; educomunicação; escola.

Introdução

Dedicamos este artigo ao resgate de fragmentos da tese “*Rap, funk, pop* internacional: percepção dos professores sobre as referências musicais dos alunos”, defendida em 14 de março de 2019. Um ano antes da decretação da pandemia do novo coronavírus pela Organização Mundial de Saúde (OMS)³, apresentávamos os resultados da pesquisa aplicada entre alunos da educação básica, de cinco escolas da rede pública de ensino estadual, entre março e maio de 2018. Apoiados, entre outros, no percentual de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor e mestre em Ciência da Comunicação pela ECA/USP. Email: rpelizzari@alumni.usp.br.

³ A decretação oficial da pandemia aconteceu no dia 11 de março. WATANABE, Phillippe. OMS declara pandemia do novo coronavírus Sars-Cov-2. *Folha de S. Paulo*, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/oms-declara-pandemia-do-novo-coronavirus.shtml>. Acesso em: 12 out. 2020.

alunos que admitiu ouvir música todos os dias (cerca de 90%), discorremos sobre certos traços do comportamento dos estudantes em relação ao tema, assim como a respeito do quanto os mestres reconheciam o papel destes artistas e *hits* no cotidiano dos jovens.

Uma das informações expostas durante a apresentação era de que cerca de dois terços dos participantes do levantamento afirmaram que ouviam suas canções favoritas na escola e, inclusive, na própria sala de aula. Apesar do cotidiano destes garotos e garotas serem atravessados por essas referências, os professores tinham, na melhor das hipóteses, uma percepção superficial desta relação. Os dados indicavam, portanto, que a proximidade física entre educador e educando contrastava com o distanciamento em relação à cultura, aos elementos de constituição de sentido e ao repertório de experiências diárias.

Partindo da afirmação de Serres, para quem “antes de ensinar o que quer que seja a alguém, é preciso, no mínimo, conhecer esse alguém” (2013, p. 13), nossa intenção era oferecer nossa contribuição neste importante desafio de saber um pouco mais sobre quem são, o que pensam e do que gostam os alunos da educação básica.

A falta de simpatia dos professores em relação às preferências musicais dos alunos é acompanhada de um quase completo desconhecimento sobre quais são os gêneros, as canções, os cantores e bandas mais populares entre eles. É claro que não podemos ignorar o gosto como uma importante variável na consolidação deste desinteresse, além de elementos diversos que podem ou não estar a ele vinculados, como o preconceito - sobre os quais, aliás, não pretendemos tratar aqui. De todo modo, há outros importantes componentes que concorrem para a configuração deste cenário, dentro os quais destacamos os impactos da aceleração social.

Sobrecarregados com as longas jornadas de trabalho (ANDRADE; FALCÃO, 2019), os educadores não conseguem planejar suas aulas de maneira adequada e, não raro, optam por modelos pedagógicos que tornem menos desgastante o ritmo de vida extenuante, quase sempre marcado pelos excessos: de aulas, alunos, provas, trabalhos...

O tema da aceleração do tempo vem sendo discutido por uma série de autores ao longo das últimas duas décadas e ganhou traduções recentes no Brasil. Crary (2014), Berardi (2019) e Rosa (2019) são alguns dos mais destacados. As discussões específicas

sobre o assunto a partir da perspectiva educomunicativa foram introduzidas por Citelli (2017).

Nos anos mais recentes, aliás, tais discussões encontraram espaço, inclusive, na própria literatura. No romance “O Averso da pele” (2020), de Jeferson Tenório, por exemplo, a história de um professor, em Porto Alegre, é narrada em segunda pessoa. Já com mais de 50 anos, ele está familiarizado há décadas com a rotina incessante da prática docente, que ganhou contornos mais intensos nestes últimos anos:

O sinal da saída toca. Os alunos levantam e te entregam a prova. Você não está bem. Após alguns períodos e um vômito na camisa, você só quer ir para casa, tomar um banho e descansar. Mas você não pode fazer isso, porque tem mais dez períodos de cinquenta minutos pela frente. Você se transformou numa máquina de dar aulas. Numa máquina de dar explicações. Numa máquina de *ei, já pedi silêncio*. Numa máquina de *ei, preste atenção*. Uma máquina de *não pode ir ao banheiro agora*. Numa máquina de paciência para não espancar aqueles alunos que não querem saber nada de orações subordinadas. Você também não quer saber de orações subordinadas. (TENÓRIO, 2020, p. 19, grifo do autor).

Tendo em vista nosso objetivo de tornar público os dados da pesquisa e considerando ainda a nova dimensão dos distanciamentos a qual a relação professor-aluno tem de submeter em tempos de pandemia do novo coronavírus - que acrescenta o físico ao cultural -, recuperaremos, ao longo das próximas páginas, alguns dos resultados básicos do referido trabalho.

Na primeira parte, faremos uma breve aproximação com o tema, tratando do papel da música na atualidade, especialmente com o surgimento de novos dispositivos comunicacionais, que são marcados pela mobilidade e maior abrangência. Em seguida, serão apresentadas informações básicas sobre as questões metodológicas envolvidas no levantamento das informações e como elas foram, em seguida, organizadas. Por fim, trataremos das análises e faremos algumas considerações a respeito dos resultados alcançados.

Referências musicais e Educomunicação⁴

A música acompanha a trajetória do homem e das civilizações ou, como prefere Candé, “é uma antiga sabedoria coletiva, cuja longa história se confunde com a das sociedades humanas.” (1994, p.5). É presença habitual nos diferentes ciclos da vida, em variados ritos e manifestações sociais, que se intensificou desde o surgimento dos meios de comunicação de massa. As novas tecnologias de produção e reprodução ampliaram o acesso, diversificaram a oferta e permitiram sua circulação em sem número de ambientes, dentre os quais a escola. Os dispositivos móveis, como *tablets* e *smartphones*, seus periféricos, como os fones de ouvido, e as múltiplas possibilidades de veiculação, compartilhamento, edição, armazenagem, replicação e interatividade, representam apenas parte das experiências vivenciadas atualmente pelos educandos com a música no espaço característico da educação formal. Considerando que, em cidades como São Paulo, cerca de 80%⁵ dos jovens matriculados no ensino médio dispõem ao menos de um celular e fazem uso de tais aparatos especialmente para o entretenimento, podemos postular que os artistas e suas canções talvez nunca antes tenham frequentado com tanta intensidade a sala de aula como hoje.

A tese que embasa o presente artigo foi desenvolvida a partir de dois objetivos inter-relacionados. Em primeiro lugar, levantar o perfil das *referências musicais* dos alunos, tanto do ponto de vista comportamental (frequência, meios utilizados, lugares em que realizam suas práticas auditivas etc), quanto do ponto de vista do gosto (gêneros e obras favoritos, entre outros). Em segundo lugar, verificar se o professor reconhece, faz uso ou entende que é possível utilizar tais *referências* no processo de ensino-aprendizagem. O mesmo professor que tem de lidar com a competição destes *produtos sonoros* durante a exposição de conteúdos programáticos, a realização de atividades e a aplicação de exercícios, entre outros, não raro pede para os estudantes desligarem seus

⁴ Preservamos fragmentos do texto original sempre que possível, tendo em vista a intenção de manter a percepção original; um contexto não influenciado pelas informações e experiências acumuladas desde o dia 11 de março de 2020, quando passamos a sofrer os impactos mais diretos da pandemia pelo novo coronavírus.

⁵ A Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima que em 2015 90,2% dos jovens entre 15 e 19 anos que moravam na cidade de São Paulo tinham um aparelho celular. Dados disponíveis em <ftp://ftp.ibge.gov.br/Acesso_a_internet_e_posse_celular/2015/Tabelas_de_Resultados/xlsx/01_Pessoas_de_10_Anos_ou_Mais_de_Idade/>. Acessado no dia 21 de janeiro de 2019.

aparelhos; no limite, chega a retê-los temporariamente e empresta os ouvidos a estes ritmos, ainda que nem sempre – ou quase nunca? – esteja disposto a ouvir. Estímulos auditivos manifestos, às vezes de forma entrecortada, às vezes sobreposta, às vezes exaustivamente repetidos, mas que seguem ocupando o interesse dos estudantes. Enfim, o professor que experimenta e integra cotidianamente aquilo que Jesus Martín-Barbero denomina *ecosistema comunicativo*:

Se trata de una experiencia cultural nueva, o como W. Benjamin lo llamó, un sensorium nuevo, unos nuevos modos de percibir y de sentir, de oír y ver, una nueva sensibilidad que en muchos aspectos choca y rompe con el sensorium de los adultos. Un buen campo de experimentación de estos cambios y de su capacidad de distanciar a la gente joven de sus propios padres se halla en la velocidad y la sonoridad[...], con la manera con que los jóvenes se mueven entre las nuevas sonoridades: esas nuevas articulaciones sonoras que para la mayoría de los adultos marcan la frontera entre la música y el ruido, mientras para los jóvenes es allí donde empieza su experiencia musical. (2000, p. 49)

Uma relação que transcende qualquer possibilidade de controle e que se manifesta no *encontro* da educação com a comunicação. *Encontro* geralmente marcado por embates, considerado um dos principais motivos para a chamada crise da educação, em que escolas e escolares se mantêm em perpétuo conflito por vivenciarem tempos diferentes, por representarem “sensibilidades que em muitos aspectos” são antagônicos, uma vez que constituintes de variados sensoriais. *Encontro* que também pode significar conciliação, soma, união, junção, ligação etc, quando apoiado na percepção e na valorização do papel das mídias como mediadoras de relações; como oportunidade de que ele, o encontro, seja convertido mais em diálogos, em negociação de sentidos, em protagonismo compartilhado e menos em desentendimentos, em intolerância e em preconceitos.

Segundo Abranches (2017), vivemos tempos de “grandes transições” e elas são impulsionadas não apenas, mas também, pelas inovações científicas e tecnológicas das últimas décadas. Um dos principais impactos deste fenômeno são os “efeitos disruptivos na estrutura social, econômica e política” (p. 59), que provocam tensões entre os indivíduos, suas formas de pertencimento, compreensão e interação com o mundo, e as instituições formais, entre as quais se inclui a escola. Se há uma “valorização social do mundo da comunicação” e uma resistência ao “mundo da educação tradicional” (SOARES, 2011, p. 16)”, não é a simples instrumentalização dos aparatos e de seus signos, nem a apropriação acrítica que abrange os interesses da *Educomunicação*. Ela valoriza a “dialogicidade”, “a descentralização da palavra autorizada” (*Ibidem*, p. 24) e o

“diálogo com outros discursos” (*Ibidem*, p. 25). Busca, portanto, se aproximar de elementos presentes na cultura dos jovens, procurando entendê-la, inclusive, a partir das vivências e interesses compartilhados, mas oferecendo outras perspectivas, com destaque ao valor da interação entre as pessoas e a riqueza da diferença.

O encontro da comunicação com a educação, escoimadas, de um lado, dos desvios tecnofuncionais e, de outro, das reduções operativas e reguladoras tão presentes em procedimentos estritamente transmissivos, pode acontecer segundo andamentos dialógicos que desencadeiam as relações intersubjetivas e os jogos coenunciativos. É deste encontro de sujeitos à busca da *significação do significado*⁶, momento particular de ativação dos princípios de reciprocidade, ou de retroalimentação, que os atos comunicativos ganham efetividade, conquanto sustentados por mediadores técnicos ou dispositivos amplificadores do que está sendo enunciado. (CITELLI, 2011, p.64)

Especificamente para o *paper*, apresentaremos os resultados do levantamento feito junto aos estudantes da educação básica sobre suas referências musicais. Ele buscava identificar traços dos hábitos e comportamentos, além dos gostos e preferências destes jovens. Serão descritos, em sequência, os aspectos metodológicos e a síntese dos dados.

Aspectos metodológicos

O **questionário** foi o principal recurso utilizado para a coleta de informações entre os alunos. A decisão foi tomada por conta de sua eficiência na obtenção rápida de um número expressivo de dados, de forma objetiva e homogênea. Buscamos criar um formulário que abarcasse a maior quantidade de informações de interesse da pesquisa, sem nos distanciarmos de uma estratégia pautada pela concisão. Isto porque entendíamos que seria fundamental desenvolver uma atividade, que: (i) os alunos não considerassem cansativa e da qual sentissem disposição de participar; (ii) fosse aplicada em período entre 10 a 15 minutos, de maneira que não comprometêssemos a dinâmica da aula de forma excessiva

⁶ Grifo do autor. Trata-se de uma referência à passagem conhecida da obra *Extensão ou Comunicação*, de Paulo Freire: “Este algo, que mediatiza os sujeitos interlocutores, pode ser tanto um fato concreto (a sementeira e suas técnicas, por exemplo), como um teorema matemático. Em ambos os casos, a comunicação verdadeira não nos parece estar na exclusiva transferência ou transmissão do conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua coparticipação no ato de compreender a significação do significado. Esta é uma comunicação que se faz criticamente.” (1985, p. 47)

e tivéssemos condições de alcançar o maior número de salas⁷; e (iii) os dados levantados não superassem nossa capacidade de análise.

Pautados por tais prerrogativas, desenvolvemos um formulário a ser preenchido pelos próprios alunos, que contava com 10 questões, dentre as quais 9 eram objetivas. De acordo com os testes preliminares, feitos durante o piloto e em outras experiências avulsas, eram necessários, em média, 12 minutos para a sua finalização. O documento se dividia em três blocos, que, tendo como base os predeterminados anseios acerca das *referências musicais*, se organizavam da seguinte maneira:

- **Perfil básico** – nas duas primeiras questões, os jovens tinham de apontar basicamente sua idade e o sexo. Elas foram formuladas para que pudéssemos caracterizar minimamente os indivíduos e promover as desejadas estratificações subsequentes. Optamos por suprimir a informação sobre a série, mas não deixamos de registrá-la, nós mesmos, no momento em que recebíamos a pesquisa preenchida;
- **Hábitos e comportamentos** – para observar *em que medida a música está presente na vida destes jovens*, desenvolvemos 5 perguntas. Duas delas abordavam a frequência semanal e diária (questões 3 e 4 do formulário) em que os estudantes ouvem suas canções favoritas. Uma levantava os meios utilizados para a prática (questão 5). Nela, era possível assinalar quantas opções desejasse, dentre as quais estavam rádio AM/FM, computador, *pen drive*, *CD*, disco de vinil e *smartphone*. Uma sobre os lugares onde eles ouviam música (questão 6), também com possibilidade de seleção múltipla, que dispunha das seguintes alternativas: em casa, no trabalho, na rua, na escola, no carro e no transporte público. E finalmente uma em que procurávamos observar com qual intensidade os alunos ouviam música e estudavam ao mesmo tempo (questão 9). As opções disponíveis eram “nunca”, “raramente”, “muitas vezes” e “sempre”; e
- **Preferências** – as três questões restantes exploravam *o que eles gostam e não gostam de ouvir*, focando nos gêneros, nas canções e nos artistas. A primeira delas (questão 7) apresentava uma relação com 12 alternativas, dentre as quais os jovens poderiam escolher quantas quisessem como suas favoritas: samba/pagode, *funk*,

⁷ A primeira versão do questionário, que, inclusive, foi utilizada no relatório de qualificação, contava com 18 questões, quase o dobro da definitiva. Ele tornava a atividade mais morosa e ineficiente, além de ter gerado volume maior de questionamentos por parte dos alunos durante o preenchimento.

rock, música clássica, MPB, *jazz*, *axé*, sertanejo, *pop* internacional, *rap*, *reggae* e *forró*. Além disso, eles tinham a possibilidade de assinalar a opção “outros” e acrescentar, de próprio punho, quantos gêneros desejassem. A segunda (questão 8) contava com a mesma seleção e critérios, mas questionava, ao contrário, quais eles rejeitavam. A terceira e última (questão 10) convidava o participante a registrar nas linhas disponíveis as três músicas que eles mais gostavam de ouvir e seus respectivos cantores, intérpretes, banda, conjunto etc.

Síntese dos dados

Participaram da pesquisa 1482 estudantes dos ensinos fundamental II (6º ao 9º ano) e médio (1º ao 3º ano), de cinco escolas da rede pública estadual situadas na cidade de São Paulo⁸. Eles tinham idade entre 10 e 20 anos⁹, com maior concentração, todos com percentual superior a 10% da amostra, entre 11 e 16 anos (89,5% do total).

Nas primeiras questões específicas, que tratavam da frequência com que os alunos escutam música, 90,2% dos jovens responderam que se dedicavam à prática diariamente e proporção similar (87,1%) admitiu que por pelo menos duas horas. Os que escutam em período igual ou superior a cinco horas, isto é, por mais tempo que permanecem na escola durante o período das aulas, equivalem a pouco mais da metade dos participantes (51,5%).

A análise estratificada desta variável – dos que ouvem cinco horas ou mais – revela que os mais jovens (37,6% aos 11 anos) e que frequentam as séries iniciais (39,7% no 6º ano) são aqueles que apresentam os números mais modestos¹⁰. O cenário se modifica a partir do 8º ano, quando a proporcionalidade de respostas já alcança valores próximos aos 50%, com crescimento progressivo no decorrer das séries¹¹, o que sugere certo padrão de comportamento, ou seja, que o consumo vai se intensificar ao longo do tempo.

⁸ Duas na Zona Sul (nos bairros do Ipiranga e Vila Mariana), duas na Zona Leste (Mooca e Tatuapé) e uma na Zona Norte (Jardim São Paulo).

⁹ 51,3% eram do sexo masculino e 48,7% do feminino.

¹⁰ Eles são ainda mais baixos na escola do Jardim São Paulo (23,1% aos 11) e da Vila Mariana (29,4% no 6º).

¹¹ Os picos foram registrados na Vila Mariana (80% aos 17 anos) e no Jardim São Paulo (68,3% no 9º ano).

A indicação do *smartphone* (93,6%) pelos estudantes como o meio mais utilizado para acessar e ouvir música está entre os fatores que provavelmente colaboram para a manifestação e progressivo estreitamento desta relação. Isto porque tais aparelhos oferecem condições para a conexão e o acesso permanente, nos mais variados locais, às *playlists* e aos arquivos armazenados ou acessados por *streamings*. Talvez, por esta razão, as outras opções disponíveis no questionário, que são menos flexíveis e oferecem menos recursos com estas características, não tiveram o mesmo desempenho. O computador teve 57,3% e as demais sequer alcançaram 30% das respostas: o rádio obteve 27,9% dos votos, o *CD* 14%, o *pen drive* 13,7% e o disco de vinil irrisórios 1,9%.

Apesar da variação, o dado só reforça o entendimento sobre a presença e a relevância dos dispositivos móveis na vida dos alunos, que apresentam percentuais próximos à média em todas as idades, de todas as séries, sem distinção por sexo¹².

É de se imaginar, que, ao dar preferência a estes meios, os jovens experimentam maneiras diferentes de interação com a música. Interações que já não estão presas às programações que marcaram os meios eletrônicos analógicos, como o rádio. Sequer é necessário seguir a lógica de sequencialidades que marca o conceito de álbum – o artista grava algo como 12 músicas, que são escutadas em conjunto –, que trafegou por várias mídias, como o vinil, o cassete e o *CD*. As listas, as pesquisas, os *links* compartilhados sugerem que talvez tenhamos atingido o “universal sem totalidade” de Lèvy (1999): “Essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema da desordem, essa transparência labiríntica” (p. 111).

As novas práticas, que se apoiam nos dispositivos técnicos, são ainda fruto da convergência entre as mídias e as decorrentes mudanças nas formas de experimentações. Como Vargas (2014) reflete em artigo sobre a análise de “Ai, se eu te pego”, de Michel Teló, uma série de outros fatores concorrem para o sucesso de uma canção. Ao lado das já conhecidas estratégias típicas da indústria cultural, como os arranjos e letra simples, ele destaca que “a força da comunicabilidade” reside no “complexo de dança-música-letra” (p. 10), que envolve, portanto, muito mais que a audição, uma vez que se desdobra em movimento corporal registrado e disseminado pelas redes, imitado pelo ídolo de

¹² Os jovens de 14 anos (76,2%) na Mooca são o ponto fora da curva, ainda que os percentuais não cheguem a ser exatamente inexpressivos.

futebol, com centenas de milhões de visualizações no YouTube e direito a prêmio pela Billboard.¹³

Sob a perspectiva de Valente (2007), a concentração do modo de escuta nos aparelhos móveis representa mais do que a mera tendência de que, para as atuais gerações, meios como o *CD* e o *pen drive* estão superados. Na opinião da autora,

formas de recepção e as qualidades das condições de escuta em local fixo (*home theatre*), ou em movimento, por intermédio de aparelhos portáteis, como walkman, I-Pod, são elementos importantes para diagnosticar as mudanças de sensibilidade e de comportamento face às diversas músicas, num dado intervalo de tempo. (p. 56)

Neste contexto, parece-nos válido questionar em que medida o uso de outras formas de interação com a música, pelos professores, pode significar diferentes “sensibilidades” e “comportamentos”. Mais do que isso, o quanto esta diversidade pode prejudicar ou favorecer – eventualmente, não influenciar – a mediação da relação entre professor e aluno.

Uma das questões buscava levantar os lugares em que os educandos ouvem música. Depois da casa, opção assinalada por quase todos os indivíduos que preencheram o formulário (94,2%), a escola, com 71,9%, é o ambiente mais utilizado para a prática.

Provavelmente, por intermédio de seus dispositivos móveis, eles fazem do convívio social na unidade de ensino um lugar de trilhas sonoras. Atravessam o pátio e os corredores, frequentam as salas de informática, a biblioteca e as salas de aula acompanhados de seus artistas preferidos. Espaços nos quais só os fones de ouvido podem evitar o confronto sonoro. Como afirma Citelli (2007), “o modo de produzir, circular e operar o conhecimento” – se nos permite o autor acrescentar, “os produtos culturais” – “e a informação já não respeita os limites impostos por convivências institucionais.” (p. 7)

A ampliação do número de lugares nos quais os educandos se dedicam à prática na medida em que ficam mais velhos é mais um indicativo desta tendência. Quando comparado o desempenho dos indivíduos dos 11 aos 17 anos, notamos um crescimento

¹³ O Portal G1 publicou notícia, em 26 de abril de 2013, sobre o tema. Com o título “Michel Teló leva prêmio de música do ano da 'Billboard' latina”, o texto pode ser acessado pelo *link*: <<http://g1.globo.com/musica/noticia/2013/04/telo-leva-premio-de-musica-do-ano-no-billboard-latin-music-awards.html>>. Acessado em 15 de novembro de 2018.

de pelo menos 50%, tanto para as audições realizadas na escola, como também para as alternativas “rua” e “transporte público”¹⁴.

A intensa experiência musical, que para a grande maioria dos participantes da pesquisa é diária, sendo realizada mais de duas horas por dia e em diferentes espaços nos quais se manifestam suas relações cotidianas, alcança as atividades estudantis extraclasse. Segundo 89,4% da amostra, o dever de casa, a preparação para as provas e a elaboração de trabalho são de alguma forma atravessados por artistas e seus trabalhos, com a execução simultânea. Somente 11,6% responderam que “nunca” escutam suas canções favoritas enquanto estão estudando. Outros 37,2% assinalaram a alternativa “raramente”; 31%, “muitas vezes”; e 20,2%, “sempre”.

Aos 11 anos, o comportamento é menos arraigado, atingindo 79,6% dos estudantes, enquanto que aos 16 ele se revela mais abrangente, alcançando 95% dos meninos e meninas que responderam às questões.

Em relação aos gêneros apontados como favoritos pelos alunos, dois figuram no topo, alcançando dois terços da amostra: o *rap* (69,3%) e o *funk* (68,3%). Nos terceiro e quarto lugares, já em patamares abaixo dos sessenta por cento, estão o *pop* internacional (58%) e o sertanejo (55,6%). Em quinto, sequer alcançando metade dos indivíduos que participaram da pesquisa, está o samba (41,3%).

A análise por unidade de ensino revela ligeira alternância, especialmente na disputa pela primeira posição, mas estes cinco gêneros foram sempre os mesmos em todas elas. O dado nos permite inferir, que há, portanto, uma tendência. Existe a possibilidade de os resultados indicarem um perfil do gosto musical de estudantes dos ensinos fundamental II e médio, com idade entre 11 e 17 anos, de escolas públicas da cidade de São Paulo com características similares.

Considerações finais

Reiteramos que o recorte proposto pelo presente artigo buscou destacar o papel da música no cotidiano de estudantes da educação básica, com foco nos hábitos e comportamentos, gostos e preferências. Os resultados indicam que estes jovens mantêm

¹⁴ Na rua, salta de 50,8% aos 11 para 77,7% aos 17 anos (crescimento de 53%), no transporte público vai de 38,1% para 68,1% (aumento de 78,7%) e na escola sobe de 47,4% para 83,9% (ampliação de 77%).

relação estreita com seus artistas favorito, assim como passam tanto tempo ou mais acompanhados de uma trilha sonora se comparado às atividades escolares, não raro, realizando as duas práticas simultaneamente: estudam ouvindo música; ouvem música estudando.

Cabe frisar que a maioria dos indicadores sugere o crescimento do tempo e dos espaços destinados para a interação com álbuns, *playlists* e afins ao longo das séries e dos anos de formação¹⁵. Observa mos ainda que os dois gêneros que mais atraem os quase 1,5 mil educandos são o *rap* e o *funk*. Produtos culturais originários e disseminados a partir de comunidades pobres, aos quais são direcionados toda sorte de estigmas e preconceitos – especialmente no que concerne ao *funk* – e que, como indicou a pesquisa, enfrentam crítica/resistência dos professores. Este assunto, contudo, caberia em outro texto.

Referências

ABRANCHES, Sérgio. **A era do imprevisto**. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

ANDRADE, Rogerio Pelizzari de. **Rap, funk, pop internacional: percepções dos professores sobre as referências musicais dos alunos**. 2019. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.27.2019.tde-17042019-155117. Acesso em: 03 jul. 2019.

ANDRADE, Rogério Pelizzari de; FALCÃO, Sandra. Grupo de Pesquisa MECOM (ECA/USP) e o projeto Inter-Relações Comunicação e Educação no Contexto do Ensino Básico. In: 42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2019, Belém. **Anais eletrônicos...** Belém: INTERCOM, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0437-1.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. São Paulo: Ubu, 2019.

CANDÉ, Roland. **História universal da música**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. v. 1. p. 5-181.

CITELLI, Adilson O. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. In: CITELLI, Adilson O.; COSTA, Maria C. C. C. (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 31-51.

¹⁵ Lembrando que mesmo entre os mais jovens os percentuais são bastante expressivos.

CITELLI, Adilson O. Escola, linguagem e diversidade cultural nos contextos midiáticos. **Comunicação & Educação**. São Paulo, n. 3, p. 7-13, set/dez. 2007.

CITELLI, Adilson (org.). **Comunicação e educação**: os desafios da aceleração social do tempo. São Paulo: Paulinas, 2017.

CRARY, Jonathan. **24/7** – capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 44-65.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Retos culturales de la comunicación a la educación. Elementos para una reflexión que está por comenzar. In: **Revista Reflexiones Académicas**. Santiago: Universidade Diego Portales, n. 12, 2000. p. 45-57.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**. A transformação das estruturas modernas temporais na Modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SOARES, Ismar de O. Educomunicação: um campo de mediações. In: Citelli, Adilson O.; COSTA, Maria C. C. C. (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 13-29.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VALENTE, Heloísa de A.D.. Da duração do reinado do hit no império da mídia. **Comunicare**, v. 7, n 2, 2007. p. 55-61.

VARGAS, Herom. Música popular e crítica: sobre critérios de análise da canção popular nas mídias – o caso de “Ai se eu te pego”, de Michel Teló. **Revista Ecopós**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, 2014. p. 1-13.

WATANABE, Phillippe. OMS declara pandemia do novo coronavírus Sars-Cov-2. *Folha de S. Paulo*, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/oms-declara-pandemia-do-novo-coronavirus.shtml>. Acesso em: 12 out. 2020.